

SOUZA, M. C. “Esse vírus é igual a uma chuva”: a metáfora e a estratégia negacionista sobre a pandemia de covid-19 nas *lives* de quinta-feira do ex-presidente Jair Bolsonaro. *ReVEL*, v. 23, n. 44, 2025. [www.revel.inf.br].

“Esse vírus é igual a uma chuva”: a metáfora e a estratégia negacionista sobre a pandemia de covid-19 nas *lives* de quinta-feira do ex-presidente Jair Bolsonaro

Marcela Costa de Souza¹

marceladesouza27@gmail.com

RESUMO: No Brasil, conduzida pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, a pandemia de covid-19 ficou marcada pelas disputas de sentido entre o campo científico e o bolsonarista – que adotou o negacionismo como estratégia (Cavalcante, 2021). Posto isto, este trabalho objetiva analisar como as metáforas observadas nas *lives* de quinta-feira do ex-presidente atuam na construção de um modelo sociocognitivo e discursivo da pandemia. Fundamentamos nossa análise na Linguística Textual, seguindo a hipótese sociocognitiva de construção do conhecimento (Tomasello, 1999; Salomão, 1997), ao compreender o texto como forma de cognição social (Koch, 2002). Partindo do conceito de referenciação (Mondada; Dubois, 2003), compreendemos as metáforas situacionais (Vereza, 2013) e conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980) e os *frames* (Morato, 2010) em que se ancoram, como estratégias de produção de sentido. Dito isso, baseamos nossa investigação nos dados verbais orais de duas *lives* de quinta-feira, uma de 2020 e outra de 2021. Como resultado, verificamos a presença da metáfora conceptual COMBATE À DOENÇA É GUERRA, com sua organização ancorada a *frames* neoliberais e neoconservadores, próprios da extrema-direita brasileira (Solano, 2019), produzindo o sentido de não só minimizar a letalidade do vírus, mas também de que as instituições científicas e aqueles que as apoiam são inimigos a se combater. Assim, concluímos que as metáforas foram recursos valiosos para a estratégia negacionista conduzida pelo governo de Jair Bolsonaro, ao organizar linguística e sociocognitivamente a pandemia segundo uma visão de mundo que argumenta em favor de medidas de isolamento vertical e do tratamento precoce e normaliza as mortes causadas por elas.

PALAVRAS-CHAVE: *lives* de quinta-feira; bolsonarismo; negacionismo; metáfora.

ABSTRACT: In Brazil, led by the government of former president Jair Bolsonaro, the COVID-19 pandemic was marked by disputes over meaning between the scientific field and the Bolsonarist field – which adopted denialism as a strategy (Cavalcante, 2021). That said, this work aims to analyze how the metaphors observed in the former president's Thursday live streams act in the construction of a sociocognitive and discursive model of the pandemic. We base our analysis on Textual Linguistics, following the sociocognitive hypothesis of knowledge construction (Tomasello, 1999; Salomão, 1997), by understanding the text as a form of social cognition (Koch, 2002). Based on the concept of referencing (Mondada; Dubois, 2003), we understand situational (Vereza, 2013) and conceptual (Lakoff; Johnson, 1980) metaphors and the frames (Morato, 2010) in which they are anchored as strategies for producing meaning. That said, we based our investigation on oral verbal data from two Thursday live streams, one from 2020 and the other from 2021. As a result, we verified the presence of

¹ Mestra em Linguística pela Universidade Estadual e Campinas (Unicamp); Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Parnamirim.

the conceptual metaphor FIGHTING DISEASE IS WAR, with its organization anchored in neoliberal and neoconservative frames, typical of the Brazilian far-right (Solano, 2019), producing the sense of not only minimizing the lethality of the virus, but also that scientific institutions and those who support them are enemies to be fought. Thus, we conclude that metaphors were valuable resources for the denialist strategy conducted by Jair Bolsonaro's government, by linguistically and sociocognitively organizing the pandemic according to a worldview that argues in favor of vertical isolation measures and early treatment and normalizes the deaths caused by them.

KEYWORDS: Thursday live streams; bolsonarism; denialism; metaphor.

Introdução

No Brasil, conduzida pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, a pandemia de Covid-19, ocorrida entre os anos de 2020 e 2022, ficou marcada pelas disputas de sentido entre o campo científico e o bolsonarista para a fixação, conforme Mondada e Dubois (2013), normativa e histórica de um modelo sobre o mundo. Dessa maneira, a pandemia não ficou apenas marcada pela alta circulação do coronavírus, e pelo conseqüente adoecimento e morte de grande parte da população, mas também por uma disputa por instaurar uma percepção sobre ela, ou, como versam Bentes e Morato (2021), um modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia, conceito que norteia este trabalho.

Nessa disputa, que tem como pano de fundo uma guerra cultural pautada no ódio contra as ideias progressistas (Rocha, 2017), Cavalcante (2021) afirma que o Bolsonarismo, durante a pandemia, adotou o negacionismo como estratégia para defender o isolamento vertical. Essa medida consistia no isolamento apenas da população pertencente ao grupo de risco – como foi chamado o grupo de pessoas que podiam se contaminar mais facilmente e/ou desenvolver um quadro mais grave da doença (idosos e pessoas com comorbidades, como doenças do coração e diabetes) –, permitindo que os indivíduos “saudáveis” pudessem continuar a trabalhar². Assim, vê-se a benesse de tal medida para os ideais neoliberais de produção de capital.

A defesa e a adoção dessa estratégia em vez do isolamento horizontal, defendido pela Organização Mundial de Saúde como mais eficaz, e do chamado tratamento precoce com medicamentos não autorizados deixou milhões de brasileiros que precisavam trabalhar expostos ao vírus, ocasionando, em diversos

² Definição da Fiocruz disponível em: <https://portal.fiocruz.br/glossario/grupo-de-risco#:~:text=No%20caso%20da%20covid%2D19,serem%20atendidos%2C%20testados%20e%20vacinados.> Acesso em: 5 mar. 2025.

casos, a morte deles. Conforme pesquisa divulgada pela Agência Senado (2021), 400 mil mortes por covid-19 poderiam ter sido evitadas. Isso faz da condução da pandemia pelo governo federal bolsonarista mais do que neoliberal, neofascista (Cavalcante, 2021; Souza, 2023).

Um dos locais em que a estratégia negacionista foi performada e posta em prática foram as *lives* de quinta-feira, ferramenta político-institucional de comunicação do governo do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (Souza, 2023). Para compreender a relevância dessas *lives*, é relevante destacar o seu objetivo de “não apenas realizar a manutenção da aprovação de sua base de apoio que o elegeu, mas também de mobilizá-la para um engajamento inflamado em sua defesa contra os inimigos criados, em um antagonismo alimentado semanalmente” (Souza, 2023: 250).

Souza (2023) também aponta que, em meio à pandemia, as *lives* de quinta-feira atuaram como uma estratégia para instaurar regimes de verdade, isto é, modos de perceber o evento pandemia de covid-19 e, por conseguinte, de agir sobre ele. Dessa forma, dado tamanho alcance e relevância dessas *lives*, vê-se a necessidade de se investigar a organização linguístico-conceptual em relação à pandemia encontrada nessas transmissões.

Para isso, usamos como arcabouço teórico a Linguística Textual (Koch, 2002, 2005; Marcuschi, 2001; Morato, 2017), tendo como norte a hipótese sociocognitiva da construção do conhecimento (Tomasello, 1999; Salomão, 1997; Koch; Cunha-Lima, 2004). Isso significa que compreendemos a cognição como um processo, a um só tempo, individual e social, que ocorre a partir das conceptualizações socialmente localizadas que fazemos, dentre outras maneiras, por meio dos textos. Nesse interim, os textos são compreendidos como formas de cognição social, ao permitirem organizarmos cognitivamente o mundo (Koch, 2002: 157).

Segundo Morato (2017: 417), a noção de modelo remete à “forma pela qual criamos, reconhecemos e construímos representações textuais que permitem a categorização do mundo e criam novos modelos de situação, específicos”. Souza (2023: 18) explica que “esses modelos fundamentam-se em bases sociocognitivas e são criados discursivamente, por meio de textos, o que explica a nomenclatura”. Pensando nisso, no Brasil, foi organizado e divulgado pelo governo federal um modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de covid-19 (Bentes; Morato,

2021), tendo as *lives* de quinta-feira, conforme atesta Souza (2023), um papel importante em sua elaboração.

Tendo isso em vista, este trabalho busca analisar como as metáforas observadas nas *lives* de quinta-feira do ex-presidente atuam na construção de um modelo sociocognitivo e discursivo da pandemia, que é parte da estratégia negacionista e, mais que isso, neofascista, que guiou a sua condução pelo governo federal no Brasil e gerou grande número de óbitos.

Para isso, neste trabalho, apoiando-se em debates da sociologia e das ciências políticas, discutiremos as bases ideológicas que sustentam o bolsonarismo; após isso, traremos luz ao debate sobre o texto e sua atuação na construção do conhecimento e a como a metáfora e as operações de enquadre atuam nesse processo. A partir disso, analisaremos trechos de duas *lives* de quinta-feira e apresentaremos os principais apontamentos acerca do papel da metáfora na construção do modelamento observado.

1. As *lives* de quinta-feira e a retórica bolsonarista neoliberal e neoconservadora

Lives de quinta-feira ou *lives* presidenciais é como foram chamadas as transmissões ao vivo realizadas nos canais do YouTube e do Facebook do ex-presidente Jair Bolsonaro semanalmente, às 19h. Elas tiveram início em 7 de março de 2019 e seguiram até 30 de dezembro de 2022, pouco antes de acabar seu mandato como presidente do país. Nessas transmissões, Jair Messias Bolsonaro não só atualizava a audiência de milhares de expectadores acerca da agenda do governo, como também comentava notícias sobre o país e, principalmente, a seu respeito veiculadas pela mídia, contando sua versão dos fatos enquanto atacava os veículos tradicionais de comunicação.

Essa retórica de ataque é própria do movimento de extrema-direita, onda conservadora vivida nos últimos anos pelo mundo (Solano, 2018), que, no Brasil, leva o nome do ex-presidente: bolsonarismo. Esse movimento social e político é caracterizado por Boito Junior (2019) e por Cavalcante (2021) como neofascista. Ele recebe esse nome por atuar sobre uma democracia burguesa conservadora que recorre ao fascismo como um movimento reacionário de massa contra qualquer

forma de reforma progressista em curso, sendo necessário, para isso, a mobilização permanente dessas massas. Além da ideologia fascista, o neofascismo tem como característica, conforme Boito Junior (2021), a aplicação, internamente, de uma política econômica e social neoliberal e, externamente, de uma política de subordinação passiva ao capital internacional.

Dito isso, é necessário ao neofascismo brasileiro ter como matrizes ideológicas de sua retórica o neoliberalismo e o neoconservadorismo (Solano, 2018), que Brown (2006) define como duas racionalidades políticas, uma de mercado e outra moral. Esta última é necessária à retórica bolsonarista para contrapor-se ao *status quo* liberal e progressista que tem se firmado no Brasil, após anos de governos de esquerda e o crescimento de pautas identitárias.

Alinhamo-nos, neste trabalho, a Dardot e Laval (2016) na compreensão do neoliberalismo enquanto uma racionalidade que não atua apenas no âmbito político destruindo regras, instituições e direitos, mas também no âmbito normativo, ao produzir certas subjetividades e, assim, formas de nos comportarmos. A racionalidade neoliberal, conforme os autores, tem, como característica principal, “a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (Dardot; Laval, 2016)³. Nesse sentido, a racionalidade neoliberal produz condutas guiadas por termos como produtividade, eficiência, liberdade individual, investimento e sucesso, de modo que se tornam valores importantes a serem seguidos, fazendo parte da nossa identidade moral (Tomasello, 2019), e, assim, guiando nosso juízo sobre o que é certo e errado.

Já o neoconservadorismo é definido por Lima e Lima (2020) como radicalização do conservadorismo, isto é, o movimento político e social guiado pela disposição de manter uma ordem social, um sistema político e uma cultura como modos de vida naturalizados. Essa radicalização se dá pela:

visibilidade das forças reacionárias, a irrupção do fundamentalismo religioso, o apelo à ordem, o controle social, o contraponto às forças inovadoras, já que o passado é visto como um refúgio ideal (sólido, previsível) e o futuro é lido como uma ameaça (líquido, incerto) (Lima; Lima, 2020: 175).

³ Fonte não paginada.

Conforme Petchesky (1981), esse conservadorismo centra-se nas questões sexuais, reprodutivas e familiares. Isso é feito “[...] não apenas como retórica manipuladora, mas como o núcleo substantivo de uma política voltada, em um nível que supera quaisquer movimentos anteriores de direita neste país, para mobilizar uma massa nacional de seguidores” (Petchesky, 1981: 207, tradução nossa⁴).

Diante disso, assim como a racionalidade neoliberal, a conservadora envolve um sistema de valores pautados, principalmente, na ideia de família tradicional, nos valores cristãos e no militarismo contra os inimigos internos da nação. Este último, no caso do bolsonarismo, conforme Lacerda (2019), refere-se a todos aqueles que se alinham a ideias progressistas (a favor do Estado bem-estar social e de movimentos antirracistas, feministas, LGBTQIAPN+ etc.), em uma visão dualista do cotidiano, que o divide entre bem e mal, cidadãos de bem e vagabundos. Perspectiva também adotada pelo popular neopentecostalismo, através da doutrina da Batalha Espiritual (Gabatz, 2013; Martins, 2011, 2015), que a traduz como Deus *versus* Diabo, lógica de guerra que serviu como base para a compreensão da pandemia, conforme Martins e Souza (2023).

As *lives* de quinta, portanto, enquanto ferramenta político-institucional de comunicação do governo (Souza, 2023), continham elementos dessa retórica e tornaram-se conhecidas durante a pandemia de covid-19 por suas menções à prevalência da preocupação econômica em detrimento da saúde e por sua defesa negacionista ao tratamento precoce diante da vacina. Todos esses temas eram embebidos por um antagonismo com a ciência e com setores progressistas da sociedade, concebidos como inimigos internos da população que deveriam ser combatidos.

2. A hipótese sociocognitiva do texto: referenciação, metáfora e *frames*

A compreensão das bases ideológicas que sustentam a retórica bolsonarista é essencial para compreendermos os modelos de conhecimento em que se ancoram os

⁴ “[...] not as manipulative rhetoric only, but as the substantive core of a politics geared, on a level that outdistances any previous right-wing movements in this country, to mobilizing a nationwide mass following” (Petchesky, 1981: 207).

textos veiculados nas *lives* de quinta-feira sobre a pandemia. Em tempo, relembremos que este trabalho tem como ponto de partida a *hipótese sociocognitiva do texto*, compreendendo-o como “forma de cognição social, que, embora situada, ancora-se em processos sociais e históricos” (Souza, 2023: 18).

Para observar essa ancoragem, é preciso ter em mente os processos linguísticos e sociocognitivos que envolvem a produção textual; por isso, trazemos à discussão o conceito de referenciação. Entendida como atividade discursiva na qual os objetos do discurso são construídos (Mondada; Dubois, 2003), Marcuschi (2007) explica a referenciação como processo em que o objeto é construído discursivamente por inserções sociocognitivas de maneira progressiva, permitindo ao sujeito operar sobre a realidade e, assim, produzir determinadas formas de raciocinar. Por serem construídos discursivamente, a conceituação dos objetos do mundo é a todo tempo passível de negociação entre os sujeitos, tendo a instabilidade como característica (Mondada; Dubois, 2003), o que faz com que chamemos os objetos referenciados nos textos de objetos de discurso (Mondada; Dubois, 2003; Koch, 2002).

Tendo isso em vista, no processo de referenciação operado por Jair Bolsonaro em suas *lives*, iremos nos ater às pistas de acesso deixadas por ele, principalmente as metáforas. Devido à modalidade oral à qual pertence o gênero com que estamos lidando, cujo caráter é menos planejado e mais dinâmico, o processo metafórico ocorre sobremaneira de forma explícita, fenômeno chamado de *metáforas situadas*. Vereza (2013) explica que, diferente das metáforas conceituais (Lakoff; Johnson, 1980), essas não estão naturalizadas em nosso sistema conceitual, visto que seu mapeamento é construído *online* na interação entre os interlocutores, sendo, portanto, “metáforas elaboradas discursivamente por mapeamentos cognitivo-textuais” (Vereza, 2013: 10).

Por isso, conforme Vereza (2013), as metáforas situadas têm a natureza mais explícita, contendo as marcações linguísticas de analogia, como “igual a” e “como”, convidando o leitor a, conscientemente, ativar um mapeamento conceitual *online* entre domínios concretos e abstratos da experiência; processo que na metáfora conceitual acontece de forma implícita, por já estar entrincheirado em nosso sistema conceitual.

No processo de referenciação, as metáforas, assim como outras inserções linguísticas, são responsáveis por atuar no processamento cognitivo, realizando o que

Marcuschi (2006: 11) chama de *operações de enquadre*, isto é, expressões que podem “evocar um conjunto de propriedades, relações ou associações (*frames*, cenários, esquemas etc.)”. Esses conjuntos de conhecimentos ativados durante o processamento textual são organizados na forma de *frames*, isto é, construtos mentais “por meio dos quais é possível conceber e organizar nossas ações simbólicas no mundo” (Morato, 2017: 417). Nessa pesquisa, partimos do conceito de *frames* semântico-interacionais, por compreender que eles se constituem como conjuntos de conhecimentos inter-relacionáveis que, incorporados por meio de práticas sociais nas quais emergem e por meio das quais se reconstróem sincrônica e diacronicamente nas diversas cenas enunciativas, atuam na organização de nossas experiências e são reciprocamente por elas organizados (Koch, 2002; Morato, 2010).

Tendo isso em vista, entre os conjuntos de conhecimentos que organizam nossa experiência, inclusive para elaborarmos os sentidos do texto, estão os *frames* advindos da racionalidade neoliberal e neoconservadora. Posto isso, ao investigar a metáfora nas *lives* de quinta-feira do ex-presidente, observaremos os *frames* próprios da retórica bolsonarista em que se ancoram. Ao fazer isso, compreenderemos como o modelo sociocognitivo e discursivo da pandemia organizado nas *lives* torna-se crível para a audiência que compartilha dos valores veiculados nesses sistemas de conhecimento, ao ponto de fazer sentido adotar o tratamento precoce e o isolamento vertical como medidas eficazes para conter a pandemia, mesmo com tantas mortes ao seu redor.

3. Metodologia

Baseamos nossa investigação nos dados verbais orais de um *corpus* de duas *lives* de quinta-feira, uma de 2020 e outra de 2021. Foram selecionados os trechos de análise e, após isso, transcritos com o auxílio do aplicativo *oTranscribe*⁵, disponível gratuitamente na *internet*. A transcrição dos trechos foi realizada conforme a normatização criada pelo projeto NURC (Norma Urbana Culta), que atua desde 1980 realizando pesquisas a respeito da oralidade e de temas correlatos, e submetidas à

⁵ Disponível em: <https://otranscribe.com/>. Acesso em: 5 mar. 2025.

análise linguística. São elas as *lives* de 26 de março de 2020⁶, com 36 minutos e 42 segundos de duração, e a de 11 de março de 2021⁷, com 1 hora, 12 minutos e 30 segundos.

Serão aqui apresentados alguns trechos dessas *lives* de quinta-feira em que são observados processos metafóricos sendo empreendidos por Jair Bolsonaro, sendo utilizadas algumas ferramentas textuais para analisá-los, principalmente as estratégias de referência textual e as estratégias textual-discursivas de construção do sentido⁸, aparentes devido à natureza oral do gênero textual em questão (Koch, 2002).

4. Análise da construção de sentido por meio da metáfora nas *lives* de quinta-feira

Iniciando pela *live* de 26 de março de 2020, ela conta com, além da intérprete de Libras, Elisângela, também com o convidado Pedro Guimarães, então presidente da Caixa Econômica Federal. Nessa *live*, são discutidos os seguintes temas relacionados à pandemia de covid-19: infecção por coronavírus, baixa chance de óbito, tratamento precoce, *lockdown* e aumento da violência.

É interessante notar que a própria ambientação da *live* (Figura 1) nos revela um pouco do que se espera dela, visto que todos, menos o presidente, estão de máscara. Além disso, temos, de um lado, próximo ao presidente, as caixas de Reuquinol, um dos medicamentos utilizados no tratamento precoce. Há, dessa forma, nesses elementos não verbais uma representação simbólica da guerra cultural comentada.

⁶ O vídeo foi removido do Youtube e do Facebook por violar as diretrizes das empresas, já que divulgava desinformação sobre a Covid-19, não estando mais disponível *online*. Por isso, disponibilizamos o arquivo do vídeo, que foi salvo antes de ser retirado da plataforma, por meio do seguinte endereço eletrônico: https://drive.google.com/file/d/1z9U3j6ShMhIZJNyEMIf_W1wy_fB6rRpQ/view?usp=drive_link. Acesso em: 5 mar. 2025.

⁷ Vídeo disponível no canal do Youtube do ex-presidente, em: https://www.Youtube.com/watch?v=CcFfO5rM_EI. Acesso em: 4 dez. 2024.

⁸ Vale salientar que o *corpus* deste trabalho faz parte do reunido na dissertação desta mesma autoria (Souza, 2023), assim como a análise empreendida. Por isso, haverá alguns elementos semelhantes.



Figura 1: Jair Bolsonaro acompanhado de Pedro Guimarães e Elisângela em ambiente com máscaras de proteção, frasco de álcool em gel e caixas de Reuquinol (*Live* de 26/03/2020)
Fonte: Acervo da autora.

Seguimos para o primeiro trecho selecionado, que tem como objeto de discurso em foco o próprio coronavírus e o *lockdown*, medida de isolamento social severa em que comércio e serviços não essenciais eram fechados para que as pessoas ficassem em casa.

- (I) **O povo** tá ficando **desesperado, quer trabalhar...** todos nós estamos preocupados com a vida, sem problema nenhum, tá certo, queremos que não haja MORTE nenhuma no Brasil por causa desse vírus, **MAS esse vírus é igual a uma chuva... fechou o tempo... trovoada... você vai se molhar e vamos tocar o barco** (Bolsonaro, 26 mar. 2020, grifo nosso).

O referente “povo” é ativado durante a fala do locutor e predicado com a expressão “desesperado”. Logo adiante, há a inserção de uma explicação para o desespero do povo, com “quer trabalhar”. Dessa forma, ao evocar a ideia de que o povo está desesperado e quer trabalhar, o objeto *lockdown* é ativado por associação indireta, sendo caracterizado, na cena, como um evento que (i) impede as pessoas de trabalharem, (ii) deixa o povo desesperado e, em última instância, (iii) não tem o apoio do povo.

Em seguida, por meio da estratégia de anáfora indireta ao *lockdown* é realizada a introdução da metáfora situada produzida pela analogia (“igual a”) entre “esse vírus” e “uma chuva”. Em uma operação de enquadre, o locutor faz alusão a um conhecimento prévio, selecionando alguns elementos do que a audiência conhece do conceito de chuva, para construir a mapeamento metafórico *online* apropriadamente,

isto é, de acordo com os objetivos do seu projeto de dizer. Nesse sentido, emergem no discurso os seguintes elementos: “fechou o tempo”, “trovoada”, “se molhar”, “tocar o barco” (expressão popular para o ato de “seguir em frente”, mesmo diante de adversidades – “se molhar”).

Desvendando as correspondências entre os elementos selecionados estrategicamente pelo locutor, temos que, assim como a chuva “fecha o tempo”, no sentido de deixar o dia nublado, sem luz, e, por conseguinte, triste, e gera “trovoadas”, algo que, no senso comum é algo que assusta; o coronavírus também nos deixa tristes e assustados, neste caso, com o risco de morte mencionado anteriormente pelo ex-presidente. Seguindo com o mapeamento metafórico, assim como nos molhamos com a chuva, isto é, somos afetados por ela, também seremos afetados pelo coronavírus, contraindo-o.

Porém, é preciso, segundo o locutor, “tocar o barco”, seguir na chuva, mesmo se molhando, e, assim, conviver com a disseminação do vírus e a ocorrência de mortes (a propósito, Bolsonaro dirá, em seus pronunciamentos sobre a pandemia, em um discurso conformista, que morrer faz parte da vida). Além disso, é interessante pontuar também outro aspecto da operação de enquadre que diz respeito à própria recategorização do vírus como a chuva, visto que uma propriedade da chuva é ela ser passageira, sendo assim, o vírus também seria.

Já a segunda cena enunciativa tem como objeto de discurso o *lockdown*, com o locutor comparando-o a um tratamento quimioterápico que mais causa danos do que cura.

- (II) **Essa neurose de fechar tudo** néh, não tá dando certo... tá... mesma coisa... você sabia que eu posso... se alguém tiver **um câncer, eu posso curar teu câncer?**... MOLE... **eu mato TODAS as células cancerosas tua, eu mato todas... dá o equipamento de...de... quimioterapia... eu QUEIMO TUDO**, tá, se ela é boa se é ruim, **eu queimo tudo...** o que que acontece? Fica pior... tá... é o que tão fazendo... **pra combater o vírus, tão matando o paciente...** ai o pessoal fala **"ah, o cara é economia, o cara tá preocupado mais com a economia do que com a vida"**... Meu AMIGO **sem grana tu morre de fome, cara, morre de depressão, suicídio, vem violência atrás disso...** há uma relação direta entre o percentual de pessoas desempregadas e violência, **quanto mais desemprego, maior a violência...** então você pode ver... períodos onde tinha empregos no Brasil, 70, 75... 65 a 75 mais ou menos era quase pleno emprego no Brasil, não tinha violência, quase inexistia, quase zero... tive um recado da Damares agora há pouco, nossa ministra da Mulher né, a Damares,

que, em alguns locais aí do Brasil aumentou em CINQUENTA PORCENTO a violência contra a mulher... **qual a origem disso? A origem disso nós sabe qual que é... é esse tal do confinamento, fica todo mundo em casa, tem problema, é DINHEIRO... "em casa onde falta pão todos brigam e ninguém tem razão"** (Bolsonaro, 26 mar. 2020, grifo nosso).

No começo da cena, para justificar seu posicionamento acerca do *lockdown*, há a inserção de uma questão retórica, a saber, “você sabia que se alguém tiver um câncer eu posso curar teu câncer?”, recurso que, como aponta Koch (2018), é muito comum no discurso de cunho persuasivo para fazer o interlocutor refletir sobre um assunto. O locutor, a partir dessa questão, insere a explicação de que com o equipamento de quimioterapia, mataria todas as células da pessoa, cancerígenas ou não, tendo como resultado, a piora do quadro, incorporando, nesse momento, referentes ligados ao contexto de câncer à cena.

Em seguida, após a reativação de maneira indireta do referente *lockdown* pela expressão “para combater o vírus estão matando o paciente”, fica evidente a associação de dois domínios do conhecimento feita pelo locutor na cena: o do câncer e o do coronavírus.

A partir de projeções permitidas pela cena, é possível realizar um mapeamento metafórico entre um domínio-fonte, o câncer – doença de conhecimento comum, cuja conceptualização já está enraizada em nosso sistema conceptual – e um domínio-alvo, a covid-19 – doença nova, cuja conceptualização não se encontrava estabilizada em nosso sistema conceptual ainda àquela época. Ao aproximar os dois campos, é possibilitado que sejam feitas correspondências ontológicas entre os domínios, traçando as seguintes projeções metafóricas:

- a) *lockdown* é a quimioterapia, isto é, um tratamento invasivo e abrangente, agindo não só sobre as células cancerígenas, mas também sobre as saudáveis;
- b) pessoas saudáveis (fora do grupo de risco e, portanto, que podem trabalhar) são as células saudáveis, que não precisam do tratamento quimioterápico, mas que acabam sendo afetadas por ele;
- c) pessoas do grupo de risco são as células cancerígenas, isto é, aquelas que realmente precisam receber o tratamento quimioterápico;

- d) os efeitos do *lockdown* são os efeitos fatais da quimioterapia, isto é, que afetam não só as células cancerígenas, como também as saudáveis, podendo matar, portanto, o paciente;
- e) o paciente seria a economia, que, sem suas células saudáveis, não pode sobreviver.

Desse modo, é incorporado à cena o contexto do tratamento quimioterápico de câncer, destacando os efeitos dele, que já são conhecidos, no senso comum, por serem extremamente agressivos e causarem muito sofrimento e até a morte de pacientes. Não só isso, a partir do recurso referencial da metáfora, o locutor perspectiva a realidade dos efeitos das medidas de restrição de circulação, apontando apenas os negativos, organizando o modelamento sobre a pandemia de modo que as pessoas passem a enxergar o *lockdown* como algo que causa dor e sofrimento e que, por isso, deve ser evitado.

Vale ressaltar que, ao reativar o referente *lockdown* através da expressão “para combater o vírus, tão matando o paciente”, é incorporada ao processo de referenciação uma metáfora conceptual, isto é, uma metáfora já entrincheirada em nosso sistema cognitivo, em que tratar uma doença é compreendido como lutar em uma guerra (“combater”). Essa metáfora é evocada para pensar a covid-19, sobretudo, as medidas de restrição de circulação, aqui conceptualizadas como uma arma de guerra que mais mata do que salva pessoas.

Seguindo para a *live* de quinta-feira transmitida no dia 11 de março de 2021, conforme mostra a Figura 2, nela o presidente aparece com a intérprete de Libras, Elisângela, em um primeiro momento, acompanhado também, de Daniel Freitas, Deputado Federal de Santa Catarina; e, em um segundo momento, de Marcelo Morales, médico, professor da UFRJ e, na época, secretário de Pesquisa e Formação Científica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). As cenas referenciais selecionadas se detêm ao segundo momento, quando o tema da *live* passa a ser a saúde.



Figura 2: Jair Bolsonaro, intérprete de Libras e convidados, Daniel Freitas (A) e Marcelo Morales (B), na live de 11 de março de 2021

Fonte: Acervo da autora.

Partindo para a análise, o primeiro trecho selecionado tem como objeto de discurso a própria condução do governo federal em relação à pandemia, no que parece ser uma tentativa de justificar o mau desempenho dela.

- (I) **Alguns** podem tá perguntando: e você presidente, tá fazendo o que? Que é comum né. Tá fazendo nada? Fica fazendo uma série de... até mesmo de **agressões**. **Num dá pra dialogar com esse tipo de gente**. Pessoal, **num momento difícil da tua família**. Já pensou, o marido perde o emprego, chega em casa, e a mulher e o começa uma briga com ele. Não vai resolver nada. **Nos momentos difíceis** é que a **família tem que se unir**. **Nos momentos difíceis** que a **nação tem que se unir**. Quanto mais **atiram** em mim, de forma covarde por parte de parte da sociedade, mais tá **enfraquecendo** quem pode **resolver a situação** (*aponta para si mesmo*). Como é que eu posso **resolver a situação**? Eu tenho que ter apoio! (Bolsonaro, 11 mar. 2021, grifo nosso).

O pronome “alguns” inicia a cena indefinindo o sujeito, que apenas fica evidente a partir das seguintes expressões: “agressões”, “não dá para dialogar” e “esse tipo de gente”. Essas expressões ancoram-se em um enquadramento de conflito e de desqualificação do outro, que são próprios da guerra cultural bolsonarista. Isso nos leva a inferir que o locutor está invocando na cena a visão de seus opositores sobre ele.

Como estratégia para melhor argumentar sobre a existência dessa visão, o locutor invoca na cena um contexto intersubjetivo, enquadrado em um ambiente familiar, que representa “um momento difícil”. O contexto invocado tem como participantes o homem, aparentemente na posição de provedor, que perdeu o emprego e, quando chega em casa, não recebe o apoio da esposa – cujo dever seria cuidar dele – e, em vez disso, começa a brigar. Com esse contexto ancorado na

estrutura de uma família tradicional, o locutor pretende mostrar a importância da união em momentos difíceis, como era o contexto do país naquela época.

Em seguida, pelo paralelismo semântico estabelecido, percebe-se que o locutor visa que compreendamos a nação (domínio-alvo) em termos de família (domínio-fonte), metáfora conceptual do campo político recorrente, como mostra Lakoff (2008). Seguindo o mapeamento metafórico, se a família é a nação, o presidente é o chefe que está passando por momentos difíceis (expressão repetida diversas vezes) e não recebe apoio em casa. A falta de apoio fica evidente pela expressão “atiram em mim”, referenciando-se às instituições políticas e sociais opositoras (ou aos membros da família), que estariam enfraquecendo quem “pode resolver a situação”, expressão utilizada pelo ex-presidente para categorizar a si mesmo.

Com isso, percebemos que a inserção do contexto ancorado em um modelo idealizado tradicional de família, isto é, um modelo de *strict father Family*, que é baseado em valores conservadores, como o patriarcalismo, autoridade, hierarquia, obediência e punição (Lakoff, 2008), pretende causar identificação moral no leitor, compreendendo que o correto seria a família realmente estar unida em um momento difícil, em torno de uma única autoridade: a do pai.

Dito isso, o locutor afirma que a nação é a família, fazendo o papel de “governar na pandemia” ser entendido em termos de “prover a família sem ter mais emprego”, um desafio que apenas é vencido com apoio. O ex-presidente, assim, promove uma justificativa moral para sua atuação falha na condução da pandemia, deslocando a culpa para todos os membros da nação que não o apoiam (governadores, prefeitos, imprensa, instituições científicas, parte da sociedade etc.).

- (II) Em qualquer lugar, até **na sua casa**, em certas áreas, ou **voce manda** ou **tua mulher** manda, se não **a molecada** faz a festa. No Brasil, **o Supremo** decidiu que **somos concorrentes**. O que é que é isso? Eu, estados e municípios **somos concorrentes** (Bolsonaro, 11 mar. 2021, grifo nosso).

Nessa cena referencial, pela ativação do referente “a sua casa”, o interlocutor, projetado enquanto homem chefe de família (o que é identificado pelo referente que aparece a ele associado, “tua mulher”), é convidado a acionar o contexto da sua própria casa. Acionado o contexto, a questão da autoridade única, comum a esse modelo de família (Lakoff, 2008), é trazido pela cena, sendo a ausência dela algo

predicado como negativo.

Após isso, Bolsonaro, ao trazer à cena a decisão do STF de conceder autonomia aos estados e municípios em relação às medidas sanitárias relacionadas à pandemia da covid-19 (Falcão; Vivas, 2020), associa o contexto incorporado ao trecho ao da pandemia. Com isso, é concluído que, assim como o chefe de família e a esposa são concorrentes pela autoridade em uma família desorganizada, também o são ele, estados e municípios na nação em crise, ao que é dado ênfase pela estratégia de repetição.

Considerando que essa conclusão está incorporada ao contexto do trecho anterior, pode-se observar que ela é preenchida por uma construção metafórica em que o governo federal (domínio-alvo), que é conceptualizado como o presidente em um processo metonímico, é entendido em termos de marido (domínio-fonte); os estados e municípios (domínio-alvo) em termos da mulher (domínio-fonte) que disputa a autoridade do marido; e o povo (domínio-alvo) em termos da molecada (domínio-fonte), que, sem a autoridade definida, “faz a festa”, isto é, faz bagunça.

Dessa forma, a partir da cena, infere-se que a atuação desastrosa do presidente se dá devido à disputa de autoridade existente entre os entes federativos no que concerne às decisões relacionadas à pandemia, assim como acontece em uma família tradicional, quando o pai tem sua autoridade desafiada, e os filhos não sabem a quem obedecer. A responsabilidade, portanto, não seria dele, mas daqueles que resolveram disputar por sua autoridade.

5. O papel das metáforas presentes no modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de covid-19

Como resultado, verificamos a presença da metáfora conceptual CORONAVÍRUS É UM FENÔMENO DA NATUREZA, quando o vírus é comparado a uma chuva, e COMBATER O VÍRUS/COVID-19 É LUTAR EM UMA GUERRA. Essas metáforas conceptuais já foram apontadas nos trabalhos de Rocha e Curti-Contessoto (2021) e Vereza (2020), respectivamente, em que analisam discursos sobre a pandemia de covid-19.

Quanto à metáfora COMBATER O VÍRUS/COVID-19 É LUTAR EM UMA GUERRA, ela pode ser compreendida como gerada por outra metáfora conceptual

mais abrangente, bastante verificada no contexto do tratamento do câncer (Semino *et al.*, 2018; Sontag, 2012). Essa metáfora é COMBATE À DOENÇA É GUERRA.

Sontag (2012) explica que essa metáfora nem sempre foi tão comum, visto que para os gregos, como é constatado na *Iliada* e na *Odisseia*, a doença era compreendida como um castigo sobrenatural, uma possessão demoníaca ou como resultado de causas naturais, que poderia ser gratuita ou merecida, devido a alguma falta do sujeito. Esse cenário muda, como aponta a autora, quando passa a haver cada vez mais a compreensão de que as doenças são causadas por organismos ou microrganismos específicos externos ao corpo. O invasor passa a ser então o organismo, não a doença.

Dessa forma, no ambiente médico, a metáfora militar começa a se tornar popular para a descrição da situação do paciente. Conforme Sontag (2013, p. 68):

A doença é encarada como invasão de organismos alienígenas, aos quais o organismo reage com suas próprias operações militares, tais como a mobilização de “defesas” imunológicas, e a medicina passa a ser “agressiva”, como na linguagem da maioria das quimioterapias.

Sontag (2012) ainda destaca a utilização da metáfora da guerra como oportunidade para a mobilização ideológica em massa, em que o objetivo é a derrota de um “inimigo”, como na “guerra às drogas”, sendo, em nosso caso, a guerra à covid-19. Entretanto, em se tratando do contexto retratado nas *lives*, percebemos que o inimigo mapeado pelo ex-presidente, diferente do observado por Sontag (2012), não é o microrganismo invasor, o coronavírus, mas sim os opositores do governo e as medidas defendidas por ele para conter o vírus, como o *lockdown*. Há, portanto, uma modificação no mapeamento conceptual metafórico tradicionalmente encontrado devido à priorização dos interesses econômicos do governo em questão.

Além dessa metáfora conceptual, verificamos a presença da metáfora NAÇÃO É FAMÍLIA, já apontada por Lakoff (2008) como comum no discurso político. Nas *lives* analisadas, essa metáfora é incorporada ao contexto da pandemia, o que se justifica pela retórica bolsonarista, tendo em vista o forte apelo ao conservadorismo que está na base desse movimento e, assim, a relevância que traz ao discurso do ex-presidente descrever a situação da condução da pandemia pelo seu governo em termos de uma crise familiar.

Dito isso, ao fim desta análise, podemos compreender que a metáfora conceptual mais abrangente, que abarca as demais, mostra-se ser COMBATE À DOENÇA É GUERRA, em que os inimigos são os opositores ao governo, devido as medidas (ou armas de guerra) adotadas por eles prezarem pelo bem-estar social, não econômico. Sendo assim, compreender o vírus como um fenômeno natural passageiro e as instituições sociais e políticas nacionais como membros da família é parte da compreensão do que constitui essa guerra empreendida pelo governo de extrema-direita da época.

Com essas sub-metáforas⁹, tira-se o foco do inimigo provável, que seria o coronavírus, passando a conceptualizá-lo como quase inofensivo, assim como o é uma chuva rápida, e atribui-se esse papel aos opositores do governo, que disputam com o presidente – ou o pai da família – a sua autoridade, tornando o combate à doença ineficaz. Essa é uma forma de a mobilização social – comum a uma situação de guerra – voltar-se não ao coronavírus, mas sim aos opositores do governo de extrema-direita, servindo, portanto, aos propósitos da guerra cultural que está em sua base ideológica, como vimos anteriormente.

Diante disso, considerando que na emergência do texto, há estruturas maiores que constroem seu contexto (Hanks, 2008)¹⁰, não podemos deixar de notar que as escolhas textuais do ex-presidente, assim como a metáfora conceptual mais ampla por ele levantada e que gera as demais, está ancorada a elementos dos *frames* neoliberal e neoconservador. Em “O povo tá ficando desesperado, quer trabalhar” (*live* de 23 de março de 2020), é trazida à tona a ideia de produtividade, comum à racionalidade neoliberal, como valor moral, para argumentar em favor da necessidade de não aderir ao *lockdown*. Já o *frame* neoconservador aparece tanto na ideia de família tradicional que emerge da fala do ex-presidente, como no militarismo anticomunista evocado em vários momentos, definido por Lacerda (2019) como belicismo contra inimigos internos criados, traço próprio dos movimentos de extrema-direita.

⁹ Termo utilizado por Vereza (2020, p. 57) para nomear metáforas geradas por metáforas conceptuais mais abrangentes.

¹⁰ Hanks (2008) propõe duas dimensões inseparáveis para compreender o contexto e analisá-lo: a emergência, associada ao tempo real da produção do enunciado e da interação; e a incorporação, associada ao tempo conjuntural, isto é, a um contexto mais amplo a que o contexto emergente é conectado. É a esse contexto mais amplo que estamos nos referindo aqui.

Essas conceituações realizadas nas *lives* de quinta-feira por meio de metáforas têm o efeito de construção de sentido de não só minimizar a letalidade do vírus (conceptualizando-o, por exemplo, como uma “chuva passageira”), mas também de construir o sentido das instituições científicas e daqueles que as apoiam como inimigos a se combater e como culpados pela má gestão da pandemia.

Dessa forma, de modo geral, verifica-se que as metáforas ocorrem ancoradas a um contexto macro, que diz respeito ao compartilhamento de intencionalidade com alguns setores sociais e econômicos neoliberais brasileiros, do comércio, da indústria e do agronegócio, pela defesa do isolamento vertical em detrimento do isolamento horizontal e do Estado Mínimo (Cavalcante, 2021).

6. Considerações finais

Observamos neste trabalho que as metáforas atuaram nas *lives* de quinta-feira do ex-presidente Jair Bolsonaro como recursos valiosos para o processo de construção textual intencionado, o qual visava divulgar uma forma de enxergar a pandemia que condissesse com a estratégia negacionista e neofascista por seu governo conduzida. A metáfora conceptual COMBATE À DOENÇA É GUERRA, da forma como foi construída ao longo dos textos pelo ex-presidente, ajuda a organizar linguística e sociocognitivamente a pandemia segundo uma visão de mundo que, ancorada em *frames* neoliberais e neoconservadores, argumenta em favor de medidas de isolamento vertical e do tratamento precoce, e normaliza as mortes causadas por eles, conduzindo as pessoas para o mesmo destino.

Por fim, ao analisar a construção de sentido operada pelas metáforas no texto, observamos a criação de um modelamento sociocognitivo e discursivo sobre a pandemia. Modelo este que guia a percepção de mundo daqueles que o escutam e que tem as ideias neoliberais e neoconservadores como valores morais, e, por conseguinte, também conduz um modo de agir sobre a pandemia, em que o negacionismo faz sentido, favorecendo o mercado e, assim, os propósitos neoliberais.

Referências

AGÊNCIA SENADO. Pesquisas apontam que 400 mil mortes poderiam ser evitadas; governistas questionam. *Senado Notícias*, Brasília, 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/06/24/pesquisas-apontam-que-400-mil-mortes-poderiam-ser-evitadas-governistas-questionam>. Acesso em: 27 set. 2023.

BENTES, Anna C.; MORATO, Edwiges M. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. *Calidoscópico*, v. 19, n. 1, 2021.

BOITO JUNIOR, Armando. O neofascismo já é realidade no Brasil. *Brasil de Fato*, São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/19/artigo-or-o-neofascismo-ja-e-realidade-no-brasil>. Acesso em: 5 dez. 2024.

BROWN, Wendy. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and De-Democratization. *Political Theory*, v. 34, dez. 2006.

CAVALCANTE, Sávio. M. A condução neofascista da pandemia de Covid-19 no Brasil: da purificação da vida à normalização da morte. *Calidoscópico*, v. 19, 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016. Versão Ebook.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. Supremo decide que estados e municípios têm poder para definir regras sobre isolamento. *G1*, Brasília, 15 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/15/maioria-do-supremo-vota-a-favor-de-que-estados-e-municipios-editem-normas-sobre-isolamento.ghtml>. Acesso em: 5 mar. 2025.

GABATZ, Celso. Manifestações religiosas contemporâneas: os desafios e as implicações da teologia da prosperidade no Brasil. *Revista Semina*, v. 12, n. 1, 2013.

HANKS, Willian. O que é contexto. In: BENTES, A. C. et al. (org.). *Língua como prática social: das relações entre língua, sociedade e cultura a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, Ingedore. V. A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. *Investigações*, v. 18, n. 2, jul. 2005.

- KOCH, Ingedore V.; CUNHA-LIMA, Maria L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna. C. Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos vol. 3.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-299.
- KOCH, Ingedore V. *Desvendando os segredos do texto.* São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.* 2. ed., 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- LACERDA, Marina Basso. *O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.* Porto Alegre: Zouk, 2019.
- LAKOFF, George. *The political mind: why you can't understand 21st-century politics with an 18th-century brain.* New York: Penguin books, 2008.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by.* Chicago: Chicago University Press, 1980.
- LIMA, Elizabeth C. A; LIMA, Isabelly C. C. Conservadorismo, neoconservadorismo e bolsonarização. *Revista Debates*, v. 14, n. 1, jan./abr. 2020.
- MARCUSCHI, Luiz A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. *Revista Letras*, n. 56, jul./dez. 2001.
- MARCUSCHI, Luiz A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz A. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 48, n. 1, 2006.
- MARTINS, Erik F. M. *O percurso sócio-cognitivo das recategorizações metafóricas: construção de sentidos na retórica neopentecostal.* 2011. 215 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.
- MARTINS, Erik F. M. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos.* 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.
- MARTINS, Erik. F. M.; SOUZA, Marcela. C. de. Referenciação, metáfora e contexto: uma abordagem interdisciplinar. *Revista da Anpoll*, v. 54, n. 1, 2023.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In: CAVALCANTE, M. M. et al.*

(org.). *Coleção clássicos da linguística: referência*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, Edwiges M. A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, n. 41, 2010.

MORATO, Edwiges M. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, E. R.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). *Linguística Textual: interfaces e delimitações vol. 1*. São Paulo: Cortez, 2017.

PETCHESKY, Rosalind Pollack. Antiabortion, Antifeminism, and the Rise of the New Right. *Feminism Studies*, v. 7, n. 2, 1981.

ROCHA, J. M. P. I.; CURTI-CONTESSOTO, B. Coronavírus é como: relações de sentido a partir de metáforas por símile. *Calidoscópio*, v. 19, n. 1, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Caminhos, 2021. Versão *kindle*.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, v. 1, n. 1, 1997.

SEMINO, E. *et al. Metaphor, cancer and the end of life: a corpus-based study*. Amsterdam: John Benjamins, 2018.

SOLANO, Esther. Crise da democracia e extremismos de direita. *Friedrich Eberto Stiftung Brasil*, n. 42, maio 2018.

SONTAG, S. *Doença como metáfora: AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Marcela Costa de. *Modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de covid-19 nas lives de quinta-feira do ex-presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2023.

TOMASELLO, Michael. *Becoming human: a theory of ontogeny*. Nova York: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

TOMASELLO, Michael. *The cultural origins of human cognition*. London: Harvard University Press, 1999.

VEREZA, Solange. A metáfora na linha de frente: mapeamentos de guerra na conceptualização da pandemia de covid-19. *Estudos linguísticos e literários*, n. 69, 2020.

VEREZA, Solange. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, v. 38, n. 65, 2013.